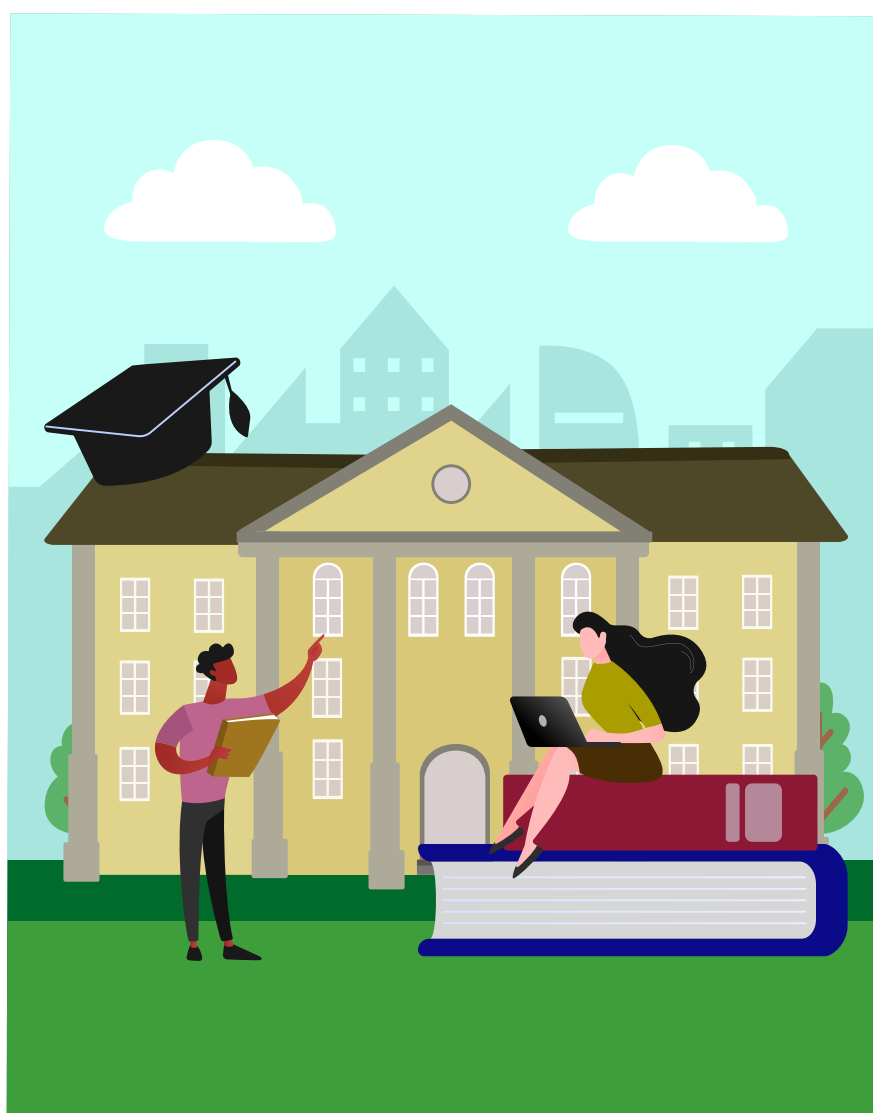


TECENDO ENCONTROS ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO:

Guia para o desenvolvimento
de atividades com adolescentes

Fabricio Meinerz Abdalla, Isabelle Vargas
Martins, Isadora Schmitt Colomé, Júlia Brum
Kabbas, Luana da Costa Izolan, Maria Júlia
Corrêa Pereira, Matheus Henrique Velho
Trindade, Renata dos Santos da Costa, Rita de,
Cássia Batista Cerqueira, Sara Peres Dornelles
Almeida





TECENDO ENCONTROS ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO:

Guia para o desenvolvimento
de atividades com adolescentes

Fabricio Meinerz Abdalla, Isabelle Vargas
Martins, Isadora Schmitt Colomé, Júlia Brum
Kabbas, Luana da Costa Izolan, Maria Júlia
Corrêa Pereira, Matheus Henrique Velho
Trindade, Renata dos Santos da Costa, Rita de,
Cássia Batista Cerqueira, Sara Peres Dornelles
Almeida.

1.ª Edição
Santa Maria
Pró-Reitoria de Extensão - UFSM
2024



Reitor
Luciano Schuch

Vice-Reitora
Martha Bohrer Adaime

Pró-Reitor de Extensão
Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Pró-Reitora de Extensão Substituta
Coordenadoria de Articulação e Fomento à Extensão
Jaciele Carine Vidor Sell

Subdivisão de Apoio a Projetos de Extensão
Alice Moro Neocatto
Taís Drehmer Stein
Bianca Spode Beltrame
Giséli Duarte Bastos

Subdivisão de Divulgação e Eventos
Giana Tondolo Bonilla

Revisão Textual
Camila Steinhorst

Projeto Gráfico
Graciane Lorenzi
Natássia Gabaia
Beatriz Aguiar

Diagramação
Larissa Taís Ferreira

T255 Tecendo encontros entre universidade e socioeducação [recurso eletrônico] : guia para o desenvolvimento de atividades com adolescentes / Fabricio Meinerz Abdalla ... [et al.] , [organizadora Jana Gonçalves Zappe]. - 1. ed. - . - Santa Maria, RS : UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2024.
1 e-book : il. - (Série Extensão)

ISBN 978-65-85653-76-3

1. Psicologia 2. Adolescentes - Medidas socioeducativas 3. Assistência social I. Abdalla, Fabricio Meinerz II. Zappe, Jana Gonçalves

CDU 159.922.8
364.29-053.6
37.015.4

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Adriana dos Santos Marmori Lima
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profa. Olgamir Amancia Ferreira
Universidade de Brasília - UnB

Profa. Lucilene Maria de Sousa
Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof. José Pereira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Profa. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem
Universidade Federal do Tocantins - UFT

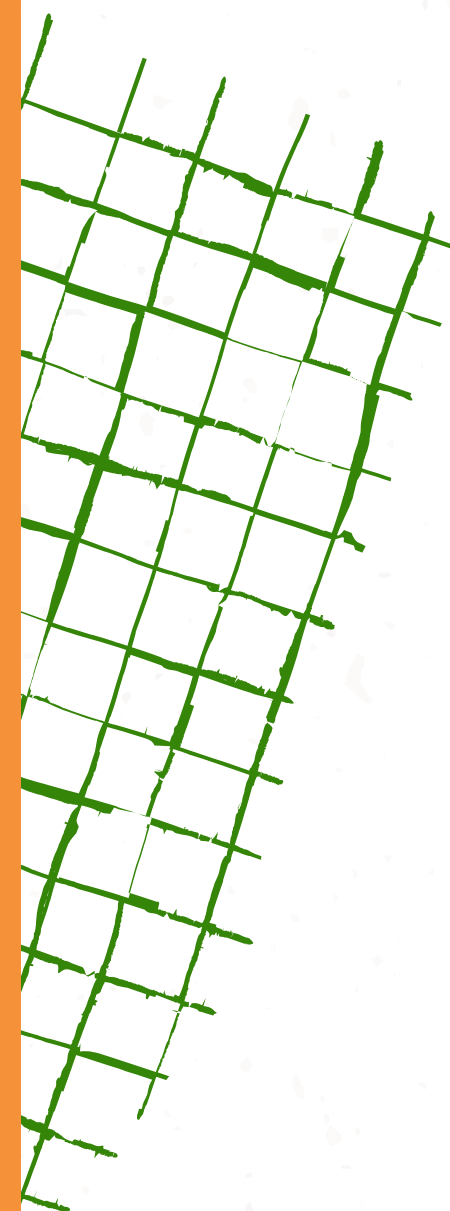
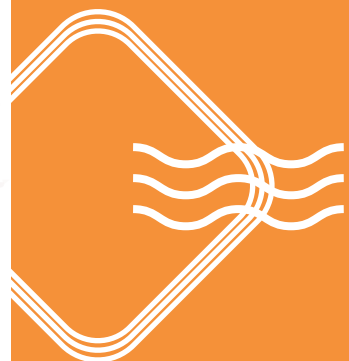
Prof. Olney Vieira da Motta
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro - UENF


Prof. Leonardo José Steil
Universidade Federal do ABC - UFABC

Profa. Simone Cristina Castanho Sabaini de Melo
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Profa. Tatiana Ribeiro Velloso
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof. Odair França de Carvalho
Universidade de Pernambuco - UPE





**TECENDO ENCONTROS ENTRE
UNIVERSIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO:
GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE
ATIVIDADES COM ADOLESCENTES**

ORGANIZADORA:
JANA GONÇALVES ZAPPE

AUTORES/AS:
FABRICIO MEINERZ ABDALLA
ISABELLE VARGAS MARTINS
ISADORA SCHMITT COLOMÉ
JÚLIA BRUM KABBAS
LUANA DA COSTA IZOLAN
MARIA JÚLIA CORRÊA PEREIRA
MATHEUS HENRIQUE VELHO TRINDADE
RENATA DOS SANTOS DA COSTA
RITA DE CÁSSIA BATISTA CERQUEIRA
SARA PERES DORNELLES ALMEIDA

Santa Maria
Pró-Reitoria de Extensão
UFSM 2023

SOBRE OS AUTORES

JANA GONÇALVES ZAPPE

Professora Adjunta no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre (UFSM) e Doutora em Psicologia (UFRGS).
E-mail: jana.zappe@ufsm.br

JÚLIA BRUM KABBAS

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: juliakabbas@gmail.com

MARIA JÚLIA CORRÊA PEREIRA

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: maria.pereira@acad.ufsm.br

RITA DE CÁSSIA BATISTA CERQUEIRA

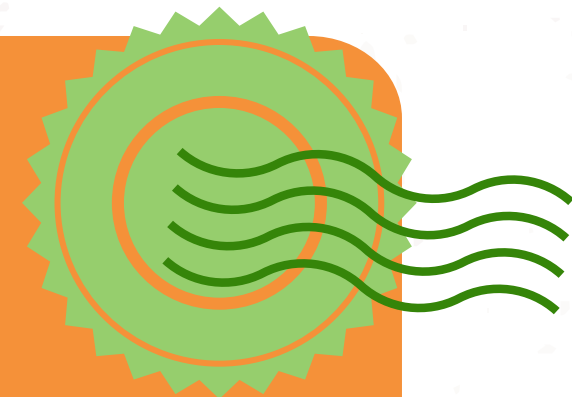
Estudante de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: rita.batista@acad.ufsm.br

ISABELLE VARGAS MARTINS

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: isabelle.vargas@acad.ufsm.br

LUANA DA COSTA IZOLAN

Psicóloga (UFSM), Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: lu.izolan@hotmail.com



FABRICIO MEINERZ ABDALLA

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: fabriciom.abdalla@gmail.com

ISADORA SCHMITT COLOMÉ

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: isadoracolome@hotmail.com
Enviar para: matvelho97@gmail.com

SARA PERES DORNELLES ALMEIDA

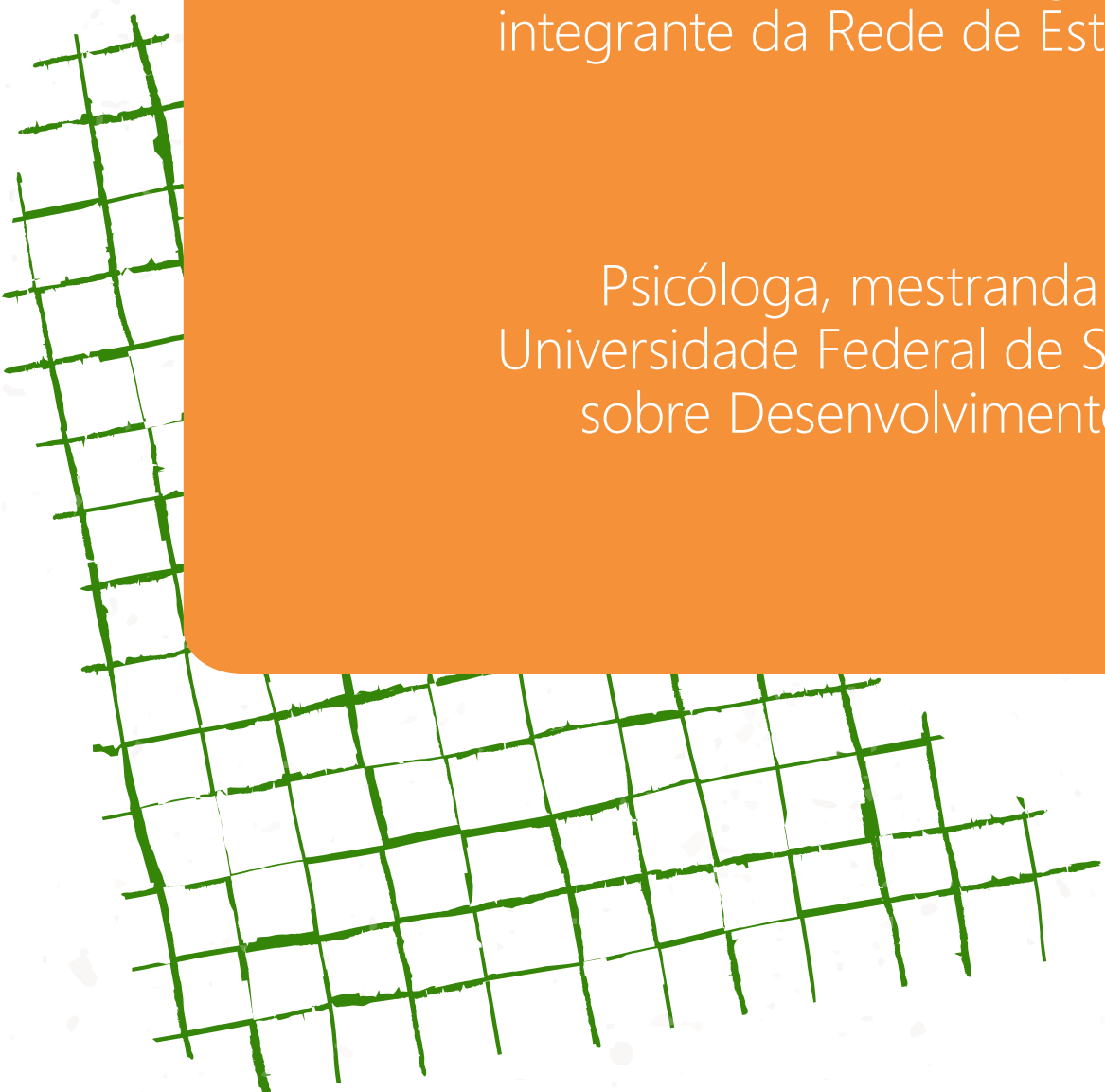
Psicóloga. Sara Peres Dornelles Almeida - Psicóloga (ULBRA) e Mestra em Psicologia (UFSM). Integrante integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV).
E-mail: sara.peres.d@gmail.com

MATHEUS HENRIQUE VELHO TRINDADE

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento, Infância e Juventude (REDIJUV). E-mail: velho97@gmail.com

RENATA DOS SANTOS DA COSTA

Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV).
E-mail: renata.costa@acad.ufsm.br



APRESENTAÇÃO

Esta obra apresenta uma série de atividades construídas no contexto do desenvolvimento do projeto de extensão "Oficinas de intervenção psicossocial com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa" durante os anos de 2018 a 2022. Este, como o nome já anuncia, buscava realizar oficinas de intervenção psicossocial com adolescentes que cumpriam medida socioeducativa de internação no Centro de Atendimento Socioeducativo Regional de Santa Maria (CASE-SM) e frequentavam a Escola Humberto de Campos, que se situa dentro do CASE-SM. Importante destacar que as ações do projeto foram viabilizadas graças ao apoio das instituições parceiras, CASE-SM e Escola Humberto de Campos, e ao investimento permanente da Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da UFSM, tanto por meio do Fundo

de Incentivo à Extensão (FLEX) quanto do Observatório de Direitos Humanos (ODH), garantindo o pagamento de bolsas a estudantes extensionistas e outros recursos necessários ao desenvolvimento das atividades.

Durante os cinco anos de desenvolvimento do projeto, inúmeras atividades foram planejadas e desenvolvidas com os adolescentes, de forma que reunimos aqui as sete atividades que se mostraram mais significativas, seja pelo interesse apresentado pelos adolescentes, seja pela importância das temáticas abordadas, seja pela avaliação dos efeitos das intervenções para extensionistas, adolescentes e instituições envolvidas. Assim, as atividades aqui apresentadas poderão orientar o desenvolvimento de ações com adolescentes no contexto socioeducativo, de forma mais específica, mas também poderão servir de inspiração para o desenvolvimento de ações com adolescentes em outros contextos, realizando as adaptações necessárias.

SUMÁRIO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS OFICINAS.....	3
1. OFICINA DE TATUAGENS.....	6
2. OFICINA DE FOTOLINGUAGEM.....	9
3. QUAL É A MÚSICA?.....	11
4. BINGO.....	14
5. MEDITAÇÃO E CÍRCULO DE COMBINAÇÕES INICIAIS.....	16
6. RAÍZES, TRONCO E GALHOS.....	19
7. CAMPO MINADO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS OFICINAS

Fabício Meinerz e Jana Gonçalves Zappe

Para começar a compreender a realidade na qual as oficinas foram desenvolvidas e a maneira com que a psicologia se inseriu no contexto socioeducativo, é necessário compreender a realidade do processo legal que o adolescente atravessa até a sua chegada para cumprimento de uma medida socioeducativa no Centro de Atendimento Socioeducativo Regional de Santa Maria (CASE-SM). Nesse sentido, o adolescente que, dentro da sua realidade, é identificado ao cometer um ato infracional, passa a ser responsabilizado judicialmente. Essa responsabilização pode ocorrer pela aplicação

de diferentes medidas, que devem ser correspondentes à gravidade do ato cometido e sempre visar a reintegração social, a reparação, e a garantia de direitos dos envolvidos (BRASIL, 2012).

Com as mudanças internas e históricas da legislação com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e com as forças das lutas sociais, a assistência ao adolescente nesses casos passou de uma indiferença afetiva e de uma educação disciplinar, para a tentativa de estabelecer uma relação interpessoal positiva e promover o desenvolvimento dos adolescentes (LIMA et al., 2022). Entender o processo e as políticas públicas que levam os adolescentes ao cumprimento de uma medida socioeducativa é essencial para que um profissional se insira neste contexto, bem como conhecer quem são os adolescentes ali presentes e a complexidade das realidades sociais que os constituíram. Nesse sentido, a literatura aponta que os adolescentes que se envolvem com atos infracionais possuem uma trajetória de vida mais

marcada pela violação do que pela efetivação de seus direitos (AZEVEDO; AMORIM; ALBERTO, 2017). Ou seja, boa parte das políticas públicas não se efetivam ou não alcançam esses sujeitos antes de sua chegada no sistema socioeducativo, de forma que se enfatiza o quanto esse contexto precisa atuar no sentido da garantia de direitos. Assim, compreender o contexto passa por localizar marcadores sociais e fatores de risco que devem ser incluídos tanto na intervenção quanto na prevenção frente às diversas problemáticas identificadas (LIMA et al., 2022).

As ações com os adolescentes em medida socioeducativa, levando em conta os fatores supracitados, passa principalmente pela promoção da proteção integral dos adolescentes, garantindo seus direitos em diversos níveis e reconhecendo-os como sujeitos dotados de subjetividades diversas, assumindo o desafio de oferecer condições para construção de um futuro que passa pela ressigni-

ficação de um passado marcado por vulnerabilidades (LIMA et al., 2022). Seguindo essas diretrizes, as oficinas pretenderam atuar pela promoção da proteção integral ao oferecer um espaço de convivência, reflexão e criação artística, auxiliando-os a refletir sobre sua trajetória passada, compreender o momento presente e projetar seus planos para o futuro.

Em termos técnicos, as oficinas consistem em encontros sistemáticos em que se propõe a circulação da palavra com a utilização de atividades disparadoras que envolvem recursos educativos, artísticos e culturais que sejam interessantes para os adolescentes. O embasamento teórico das ações envolve as diretrizes das consultas terapêuticas e demais dispositivos da clínica winnicottiana, e a psicanálise em situações sociais críticas. As consultas terapêuticas estão baseadas no desafio de buscar oferecer o máximo possível no tempo (muitas vezes restrito) e espaço disponíveis para a intervenção,

com o propósito central de favorecer as experiências constitutivas dos sujeitos. Para isso, busca-se estabelecer uma comunicação significativa em um setting construído para prover as experiências que os sujeitos necessitam, favorecendo a criatividade, a confiabilidade e a esperança. Aposta-se, principalmente, no estabelecimento de vínculos significativos e na tendência do ser humano à integração e a prosseguir seu desenvolvimento da forma mais satisfatória possível de acordo com a provisão ambiental disponível (LESCOVAR, 2004).

Quanto à comunicação significativa, esta pressupõe flexibilidade quanto a técnicas para permitir que emergjam as necessidades dos envolvidos naquela comunicação (LESCOVAR, 2004). Assim, por mais que haja certo planejamento prévio com a escolha dos elementos e atividades disparadoras, a flexibilidade para adotá-las no momento em que as oficinas ocorrem deve sempre prevalecer, principalmente se considerarmos a rotatividade

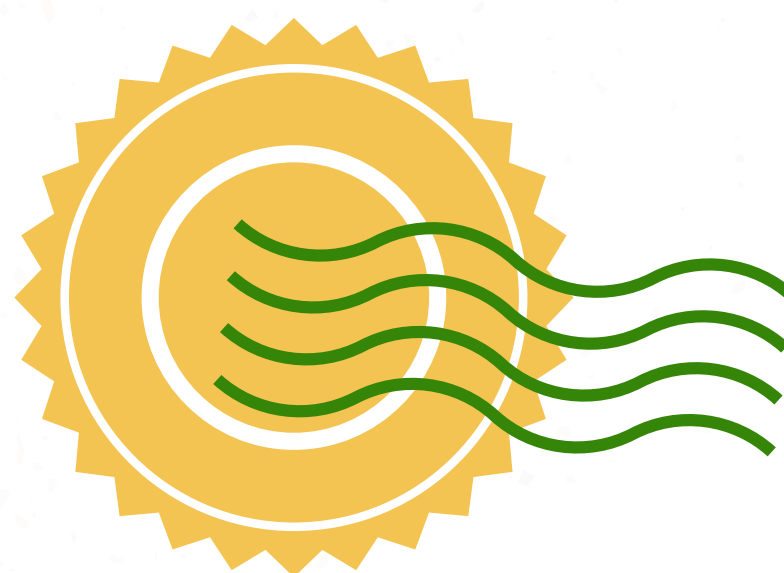
de circulação de adolescentes pelas oficinas, em função do tempo em que permanecem institucionalizados, assim como a troca de extensionistas que integram o projeto, que ocorrem com certa frequência em função das outras demandas da formação universitária.

A história de vida dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, muitas vezes, é marcada por violações de direitos e a falta de um quadro de referências afetivo a partir do qual a criança e, depois, o adolescente, poderia se desenvolver e construir sua identidade pessoal, sendo então capaz de estabelecer relações interpessoais satisfatórias (WINNICOTT, 1999). Esses fatores contribuem para que, muitas vezes, a inscrição no laço social aconteça a partir da violência e da exclusão social, o que demanda uma intervenção que considere os aspectos sociais e políticos que incidem na constituição subjetiva (BROIDE; BROIDE, 2019). Nesse sentido, oferecer um espaço aos adolescen-

tes que estão cumprindo medida socioeducativa de internação, que favoreça a confiabilidade a partir da previsibilidade, mas também espontaneidade para ser criativo, torna-se essencial para o desenvolvimento psicossocial e para o estabelecimento de laços sociais desvinculados da violência e da exclusão social.

Para que isso seja possível, busca-se construir as oficinas em conjunto com os adolescentes e também em conformidade com as observações de seus desejos, anseios e demandas, oferecendo a eles um lugar de protagonismo na elaboração e execução das atividades. Ao longo desta cartilha, apresentaremos algumas atividades planejadas e executadas ao longo do desenvolvimento do projeto que se mostraram muito significativas: 1) Oficina de Tatuagem; 2) Oficina de Fotolinguagem; 3) Qual é a música?; 4) Bingo; 5) Meditação; 6) Raízes, Tronco e Galhos e 7) Campo Minado. A estrutura da apresentação envolve a descrição inicial dos ma-

teriais necessários, o tempo de duração, o número de participantes e extensionistas que estiveram presentes nas atividades já realizadas, as instruções para a realização da atividade e, por fim, alguns relatos e imagens das experiências realizadas.



OFICINA DE TATUAGENS

1

Isabelle Vargas Martins e Maria Júlia Corrêa Pereira

- **Materiais necessários:** Imagens impressas, papel hectográfico, caneta e álcool em gel.
- **Tempo de Duração:** duas horas, em média
- **Número de Participantes:** 3 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Temas:** Identidade, história de vida, relações interpessoais, corpo
- **Instruções:** Colocar o papel com o desenho/frase que se deseja tatuar em cima do papel hectográfico. Contornar as imagens com uma caneta, de forma que a tinta do papel hectográfico seja transferida para a folha que contém a imagem. Passar álcool em gel na parte do corpo escolhida para a tatuagem e esperar alguns segundos para secar. Colocar o papel, com os contornos do papel hectográfico virados para o corpo, em cima da área com álcool em gel e esperar até o desenho ser transferido para a pele. Evitar mexer, pois pode borrar a tatuagem.

Figura 1 – Traçando os contornos da tatuagem no papel hectográfico



Fonte: Autoras (2022)

As tatuagens são formas de marcar o corpo com algum desenho, escrita ou símbolo que seja significativo para a pessoa que o escolhe, seja por representar algo na sua vida ou por uma escolha estética. As oficinas de tatuagens passaram a acontecer por essa ser uma temática de bastante interesse entre os adolescentes do CASE-SM, que comentavam sobre as próprias tatuagens e questionavam as de alguns extensionistas. A partir desse interesse foi proposta, então, a ideia de realizar uma oficina na qual fosse possível o ato de tatuar-se provisoriamente. Os extensionistas que organizaram pela primeira vez essa oficina, convidaram um artista/tatuador para contar um pouco da história das tatuagens aos adolescentes e também sobre seu trabalho. Depois, foram trazidos alguns desenhos mencionados pelos adolescentes em outras conversas e imagens diversas. Solicitaram imagens como flores, animais, uma coroa com "mãe" escrito abaixo, imagens e frases que fazem menção a

religiosidade, como a cruz ou versículos da Bíblia, bem como outras frases de conotação religiosa que expressam como a religião os ampara em sua condição social de exclusão e marginalização, com por exemplo em: "só Deus pode me julgar".

Figura 2 - Tatuagem realizada na oficina



Fonte: Autoras (2022)

Assim, contornando os desenhos e os marcando na pele, cria-se um ambiente de colaboração, tanto no auxílio para desenhar quanto na passagem para a pele – "me ajuda a colar aqui?", "segura aqui pra mim?", "desenha esse pra mim aí?". Inclusive, adolescentes que por vezes não se dão bem em conjunto ou em outras atividades com os pares, demonstram interesse e ajudam os colegas no decalque das tatuagens.

Ademais, os adolescentes sentem-se convocados a contar sobre as próprias tatuagens, compartilhando experiências e histórias de como foram feitas, por qual motivo e o que representam nas suas vidas. Nesse sentido, as inscrições na pele, como um texto corporal a ser lido, são dotadas de uma lógica performativa e de ostentação que solicita o olhar do outro (FERREIRA, 2008). As oficinas de tatuagens buscam oferecer esse olhar a partir de um espaço em que os adolescentes possam narrar e simbolizar acerca daquilo que está inscrito ou desejam inscrever no corpo.

Figura 3 – Extensionista e adolescente traçando os contornos da tatuagem e materiais utilizados na mesa



Fonte: Autoras (2022)

Quando essa oficina é proposta aos adolescentes, combinamos anteriormente quais imagens e desenhos eles gostariam que os extensionistas levassem. Isso a fim de propiciar um espaço que

inclua a participação ativa na construção das atividades e também o desejo dos adolescentes, que para conseguir expressar-se esbarra nos muros de uma instituição com rotinas e regras disciplinares bem delimitadas.

Nessa perspectiva, entende-se as tatuagens como inscrições corporais – de mesmo modo as cicatrizes de lesões, facadas e tiros, adquiridas em negociações com as rotas do crime – que constituem formas de expressão e identificação, comunicando trajetórias que são projetadas no “corpo-território” dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa (FREITAS, 2013). Dessa forma, o convite à escolha das imagens que serão tatuadas, por vezes pressupõe uma tensão entre os extensionistas quando são solicitadas imagens que fazem referência ao “mundo do crime”, seja por representar facções, atos infracionais ou um cenário de violência. O que fazer então? Trazer essas imagens pode ser interpretado como apoio

ou conivência à prática de atos infracionais, o que seria totalmente contra a proposta socioeducativa. Entretanto, negar essas imagens seria também negar os referenciais desses adolescentes e excluir sua participação na construção da oficina, negando um vínculo que está em construção e é frágil, uma vez que essa recusa pela escuta de seus contextos aparece também nos relatos de suas trajetórias de vida.

O que tem feito sentido para nós, enquanto extensionistas, é poder levar as imagens que os adolescentes solicitam, mesmo que “na rua” seus significados possam estar atrelados ao contexto dos atos infracionais. Isso porque as tatuagens são apenas um pretexto para acessar suas histórias e, ao aceitar as imagens escolhidas por eles, nos propomos à escuta de suas trajetórias de vida. Vale ressaltar, também, que a escuta não inclui um julgamento moral, porque isso impediria o sujeito de falar e impediria a abertura de caminhos para a

palavra circular, uma vez que os sentidos já estão postos – o certo e o errado definidos antes mesmo do encontro com o outro. Nesse sentido, as tatuagens são disparadoras desse processo, uma vez que:

Falar da dor é diferente de drogar-se; falar do medo é diferente de matar ou agredir; falar da pobreza é diferente de roubar; falar é o que permite o pensamento transformador. A palavra, tal como agulha e linha, tece o encontro entre as pessoas e permite a construção de caminhos alternativos.

(BROIDE; BROIDE, 2016).

2

OFICINA DE FOTOLINGUAGEM

Maria Júlia Corrêa Pereira

- **Materiais necessários:** Imagens impressas com temáticas diversas, por exemplo: diferentes composições e disposições familiares, comidas, fotos de locais como escolas, obras, comunidades, diversos tipos de moradia, festas, pistas de skate, campo de futebol, etc.
- **Tempo de Duração:** duas horas, em média
- **Número de Participantes:** 3 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Temas:** Apresentação, história de vida, relações interpessoais.
- **Instruções:** Distribuir as imagens sobre o chão ou superfície grande (uma possibilidade é unir várias classes); os adolescentes podem ser instigados a auxiliar nessa preparação também. Solicitar para que cada participante escolha uma imagem apresentada e fale livremente sobre ela e a motivação de sua escolha. Depois de falar livremente e possibilitar a criação de um diálogo com as/os extensionistas e com o grupo, a imagem é colocada novamente junto com as demais e é passada a vez ao próximo participante.

A oficina de fotolinguagem é normalmente utilizada no primeiro encontro com o grupo, já que aborda muito da subjetividade dos participantes, que se dispõem a falar sobre si e possibilitar o que será o início da criação de um vínculo. A partir do seu desejo e de elementos significativos na constituição de cada um, os adolescentes atuam sobre o material da oficina, são convidados a falar e conversar sobre aqueles elementos que se mostraram importantes. Apesar da proposta de que os adolescentes escolham imagens para falar sobre elas, é importante que o espaço construído ofereça todas as possibilidades de expressão, para além de uma proposta rígida, como por exemplo no caso que ocorreu em uma oficina, quando um adolescente virou para baixo uma imagem com policiais, demonstrando assim um sentimento de contrariedade com ela. Ao contrário do proposto, que seria escolher uma imagem e pegá-la na mão para falar sobre ela, ainda assim foi possível que ele se

expressasse, à sua maneira, usando o material da fotolingüagem para se comunicar. A partir desse momento, iniciaram-se relatos acerca de violências policiais sofridas e compartilhamentos de angústias e medos referentes a esse tipo de situação.

Figura 4 – Fotos espalhadas no chão



Fonte: Autoras (2022)

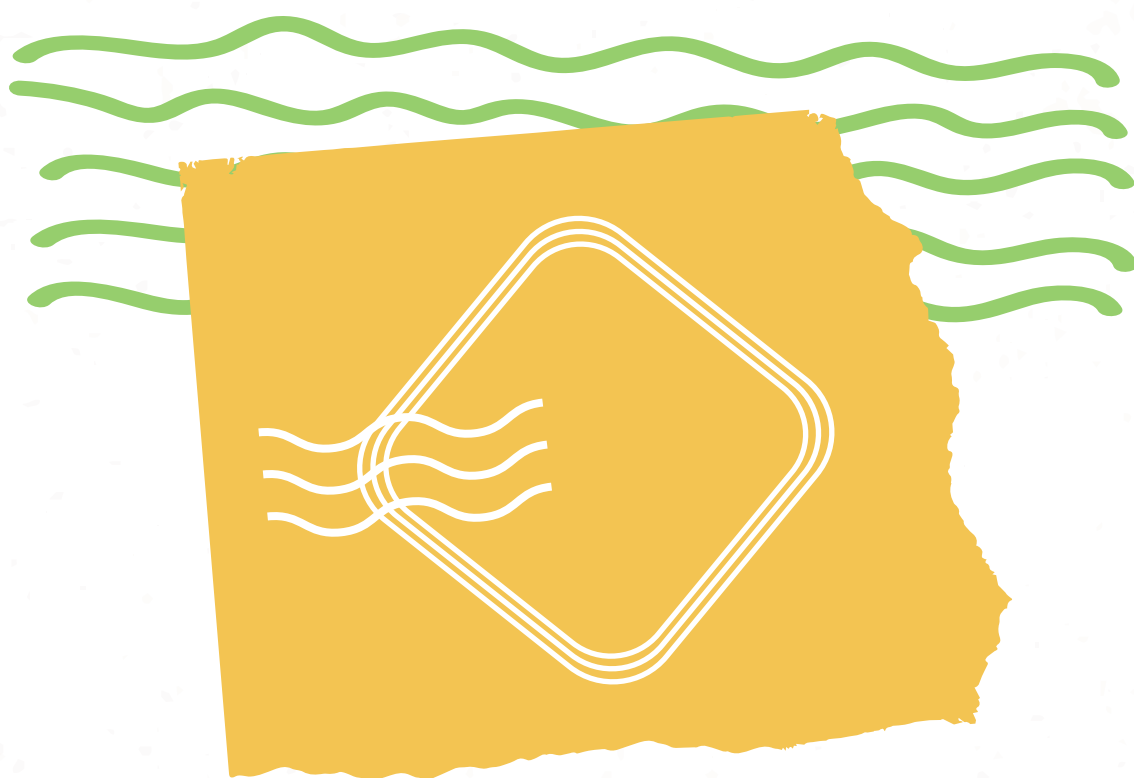
A depender da foto que cada um escolhe para comentar, podemos entender algumas coisas sobre a história desse adolescente. Certa vez, um adolescente, ao escolher uma imagem onde tem uma família composta por pai, mãe e filhos, contou sobre sua namorada estar grávida e seus receios sobre estar longe dela e de seu filho. A partir da fala de cada um, disparada pelas imagens apresentadas, podemos conversar sobre aqueles elementos que se mostraram importantes para o sujeito.

Figura 5 – Fotos escolhidas pelos adolescentes em uma oficina de fotolinguagem



Fonte: Autoras (2022)

Dessa forma, podemos entender essa oficina como uma ótima ferramenta para conhecê-los e dialogar sobre os assuntos que surgem como significativos para os participantes. A conversa é indispensável para a criação de vínculos entre as pessoas, e é justamente nesse sentido que a oficina de fotolinguagem atua.

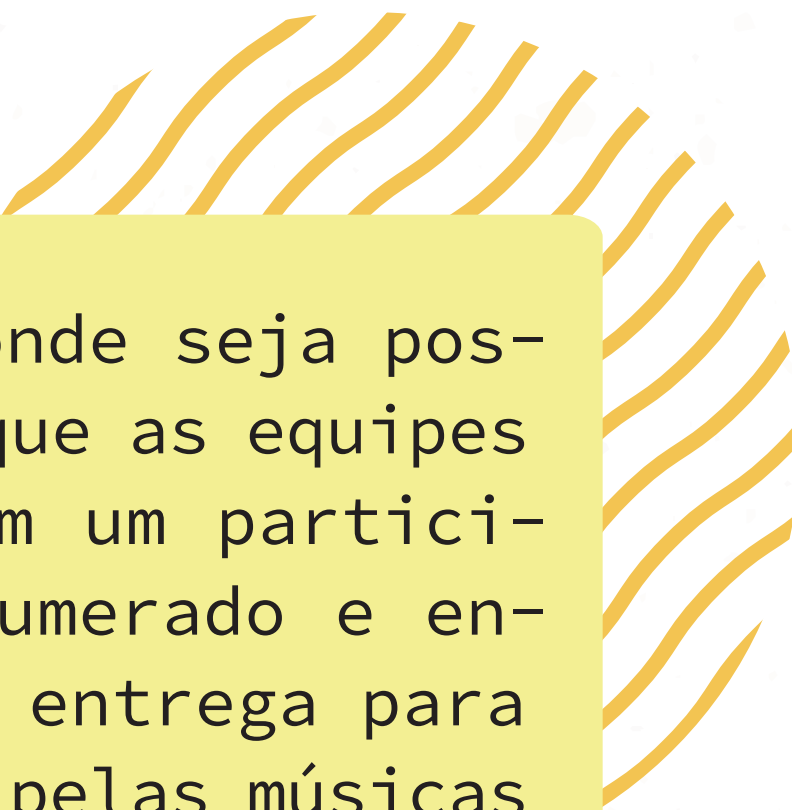


QUAL É A MÚSICA?

3

Luana da Costa Izolan, Renata dos Santos da Costa
e Sara Peres Dornelles Almeida

- **Materiais necessários:** Instrumentais de músicas de diferentes gêneros musicais (melodias), gravados previamente para o momento da oficina em um pendrive; um notebook; uma caixinha de som; cem números escritos em cartões (cada cartão numerado possui o nome da música no verso); giz de quadro negro ou canetão para quadro branco para anotar as pontuações e premiação (quantidade equivalente a todos os participantes).
- **Tempo de duração:** 2 horas, em média
- **Número de participantes:** 4 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Tema:** Entretenimento e trabalho em equipe.
- **Instruções:** Formar grupos de três ou quatro adolescentes por equipe, que deve criar um nome para o grupo. Escrever os nomes das equipes no quadro de pontuação, organizar os cartões numerados em ordem crescente e distribuir em uma mesa, com o número disposto para cima e o nome da música ordenado para

- 
- baixo, em frente aos participantes, onde seja possível a visualização dos números para que as equipes possam escolher. A rodada consiste em um participante da equipe escolher um cartão numerado e entregar para um/a extensionista, este, entrega para o/a extensionista que está responsável pelas músicas no notebook, que toca a melodia para que os participantes daquele grupo descubram qual é a música que está tocando. A pontuação para o grupo ocorre quando este diz o nome da música, canta algum trecho da letra, ou fala o nome do cantor que canta a música. Quando ninguém do grupo consegue descobrir a música tocada, é passada a vez para o outro grupo tentar adivinhar, após isso, a vez pode voltar para o primeiro grupo, caso os outros grupos não saibam, se nenhum integrante de nenhum dos grupos souber a música que está tocando, osicineiros então contam qual é a música e ninguém pontua.

O objetivo da oficina, entre outras questões, consiste em promover o trabalho em equipe, a cooperação, e a construção coletiva de regras, como por exemplo o respeito ao espaço de cada participante nas atividades propostas, e desta forma possibilitar a prática de competições mais saudáveis

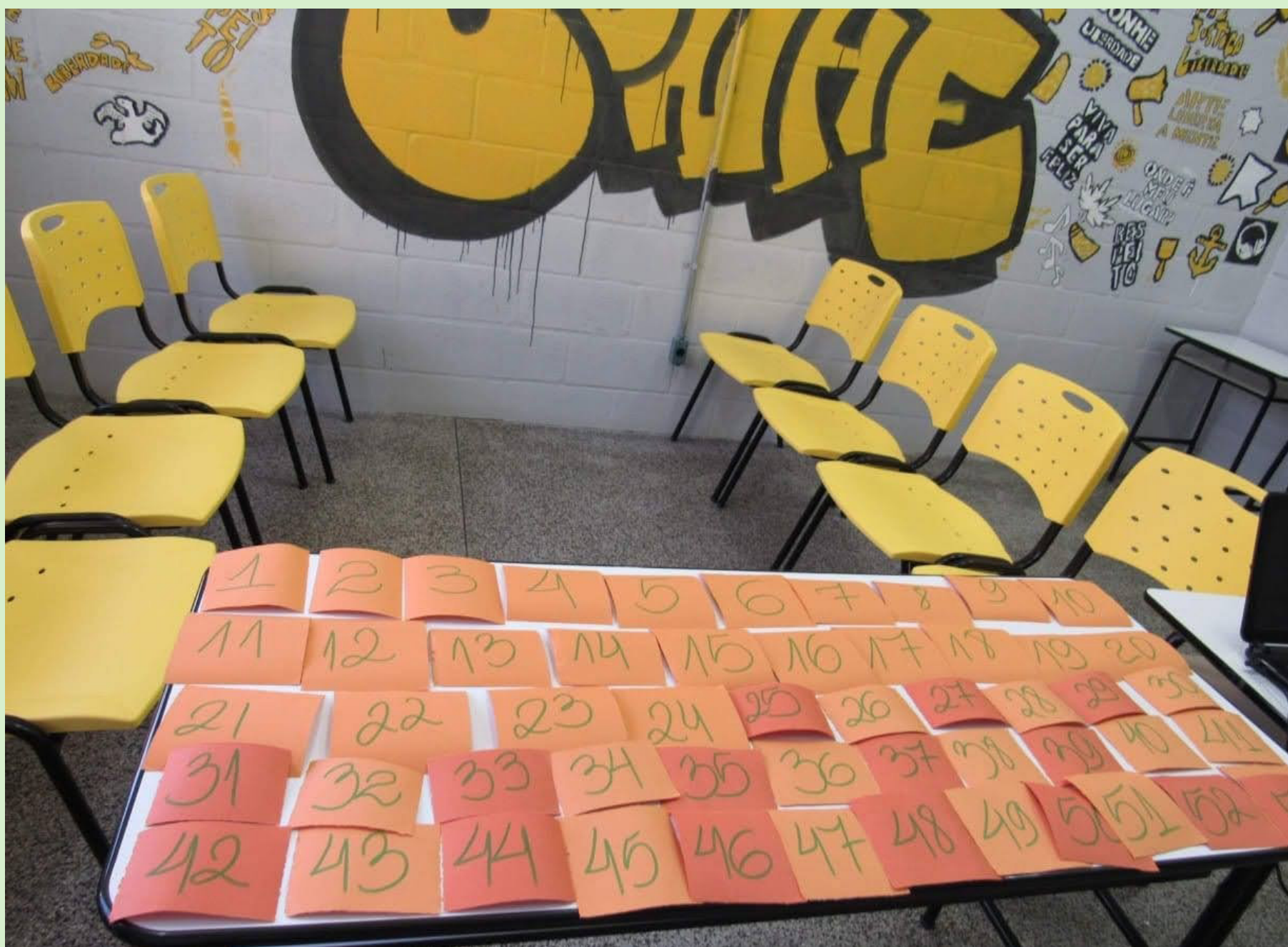
entre os adolescentes. Além disso, busca-se construir um momento para que os mesmos possam exercer tomadas de decisões de forma autônoma. A ideia inicial desta oficina foi proposta por um adolescente que se inspirou em um quadro de um programa de televisão, a partir disso, a dinâmica foi sendo aprimorada e constituída com as demais sugestões dos outros adolescentes participantes.

Figura 7 – Cartões numerados com as músicas no verso disponíveis para a escolha.



Fonte: Autoras (2022)

Figura 7 – Cartões numerados com as músicas no verso disponíveis para a escolha



Fonte: Autoras (2022)

A escolha das músicas para compor a oficina é um momento muito importante, pois é necessário que tenha um nível de variedade grande de estilos musicais, tanto mais atuais e conhecidas como as mais antigas e clássicas. É importante que tenham músicas em diversidade de ritmos, contudo é pre-

ciso ter ciência sobre o grupo de trabalho e sobre os gostos musicais deste grupo, para privilegiar mais esse ritmo, pois a proposta da oficina é que possa ser prazerosa e não cause desconforto pelo desconhecimento de todas as músicas. É preciso ter responsabilidade sobre isso, principalmente porque precisamos valorizar o saber dos adolescentes. Muitas vezes, os ritmos mais ouvidos e apreciados pelos adolescentes são o funk e o rap, trazendo inúmeros significados atribuídos às letras e história dos cantores/Mc's.

Nesse mesmo sentido, é importante estar presente de modo integral no momento do jogo, mediando as situações que possam ocorrer, tentando identificar se algum adolescente está tentando participar e é impedido, e caso erre a letra, ou a música, extensionistas podem intervir de forma pontual, acolhendo a insegurança ou o erro do adolescente e demonstrando que ele fez o melhor que pode, ou seja, não deixando que o adolescente seja excluído do próprio grupo caso cometa esse deslize.

Mesmo que as oficinas tenham as propostas de serem construídas com atividades sugeridas pelos adolescentes, em alguns momentos, como é o caso dessa atividade, a sugestão pode vir dos/as extensionistas quando o jogo ou atividade se mostrar potencialmente interessante para eles. Todas as vezes que jogamos, temos observado aspectos extremamente significativos, principalmente quando um adolescente incentiva o outro, se importa com o que o outro sabe e se esforça para que o grupo se destaque. Outra questão que aparece muito durante esta oficina, é que, quando o adolescente reconhece a música, os outros podem acabar cantando juntos e tornar esse momento algo divertido, em que se pode cantar e dançar a música que está tocando.

Outro fator importante é referente à premiação ao final da atividade, momento em que é necessário observar a gratificação pela participação de todos os adolescentes. Quanto ao prêmio, este pode ser um cartão, um bombom, um desenho, conforme

combinado com o grupo, cuidando para que sempre seja levado a mais, caso surja um novo integrante com o desejo de participar ou ocorra algum imprevisto, garantindo assim que ninguém fique sem premiação e evitando que surja um desconforto.

Diante da descrição da oficina "Qual é a música", evidencia-se a importância do reconhecimento da relação e vinculação construída em cada grupo de adolescentes, onde possibilita-se, a partir do desenvolvimento da dinâmica, a viabilização de um espaço para que eles se manifestem e posicionam-se criticamente frente a construção de regras e funcionamento das oficinas com eles desenvolvidas. Considerando ainda que estes aspectos são centrais no processo socioeducativo, além de serem importantes também na fase da adolescência, pois contribuem para a ampliação da autonomia e na forma positiva de relacionamento interpessoais.

4 BINGO

Luana da Costa Izolan e Sara Peres Dornelles Almeida

- **Materiais necessários:** uma cartela para cada participante, alguns feijões, um globo com bolinhas numeradas e giz para escrever no quadro.
- **Tempo de duração:** 2 horas, em média
- **Número de participantes:** 3 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Tema:** Entretenimento e integração grupal
- **Instruções:** Cada jogador recebe uma cartela com números aleatórios de 1 a 75, podendo receber no máximo 4 cartelas por jogador. A cada rodada, gira-se o globo contendo as bolas e tira-se uma delas, uma bolinha com número é sorteada e então fala-se o número para que todos os jogadores ouçam. Os jogadores verificam se possuem o número em sua cartela, caso encontrem o número, colocam o grão de feijão/pipoca em cima para marcar. O objetivo é completar linhas, colunas ou diagonais com números sorteados na cartela. O jogador que completar primeiro grita “Bingo!” e é o ganhador.

Esse jogo é muito bem aceito por adolescentes com mais idade, 16, 17 e 18 anos, pois é um jogo que exige atenção e pouco diálogo, quando os adolescentes ainda não se conhecem, é uma boa alternativa. Embora o jogo do bingo exija atenção, na brincadeira, é possível que aconteçam distrações e um certo divertimento inicial com a falta de números marcados nas próprias cartelas, com falas por exemplo: eu não sou do jogo, sou do amor, eu comi meus feijões, eu vou deixar os outros ganharem porque eu sempre ganho... contudo, conforme o jogo vai avançando, aparece nosso principal objetivo, que é quando, em um certo momento esse adolescente começa a se frustrar ao passo que o seu número não aparece nas bolinhas. É preciso estar preparado/a para acolher as reclamações e frustrações dos adolescentes, e a cada desconforto ele possa ser confortado e sintá-se seguro em um ambiente preparado e forte que permaneça atento para que ele não desista do jogo proposto.

Esse jogo é bastante solicitado, pois é conhecido pelos adolescentes, tanto na escola, quanto em alguma outra instituição que tenha frequentado, como igrejas, por exemplo.

As cartelas podem ser produzidas pelos próprios adolescentes ou pelos extensionistas antes do dia da oficina, podendo ser inseridos desenhos, nomes, símbolos, indicativos que pertençam ao campo da adolescência. É possível perceber quando se cria alguma situação difícil pois algum adolescente acabou se perdendo na marcação dos números, nesse momento é preciso que o extensionista tenha bastante firmeza para convencer os demais sobre a importância de voltar e falar os números novamente, pois nem todos têm o mesmo ritmo para jogar. Quanto mais atenção for dedicada a esse momento, mais rápido acontecerá e menos números terão que ser repetidos, não dando espaço para entediar os demais. Ao final é possível propor uma conversa sobre quais são os sentimentos

que surgem ao jogar um jogo que exige paciência, atenção e tempo.

Figura 7 – Cartões numerados com as músicas no verso disponíveis para a escolha



Fonte: Autoras (2022)

5

MEDITAÇÃO E CÍRCULO DE COMBINAÇÕES INICIAIS

Júlia Brum Kabbas e Rita de Cássia Batista Cerqueira

- **Materiais necessários:** Caixa de som, música de meditação, incenso aromático, algo para ser usado como objeto da palavra, quadro de urso com os dizeres “love yourself”, cartolina para acordos, papéis recortados em formato de mãos.
- **Tempo de duração:** 2 horas, em média
- **Número de participantes:** 3 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Tema:** Relaxamento, conexão consigo e com o grupo, construção de diretrizes grupais
- **Instruções:** Organizar as cadeiras da sala em formato circular, dispondo no chão os materiais necessários: caixa de som, pen drive com música relaxante, incenso aromático, objeto da palavra, quadro com a ilustração de um urso e a frase "love yourself", cartolina e papéis recortados em formato de mãos. Apresentação das extensionistas e adolescentes, utilizando o objeto da palavra, que é um objeto que tem o propósito de organizar e distribuir o poder de fala no grupo.

- Ele passará por todas as pessoas da roda, de modo sequencial. Aquele que está em posse do objeto tem o direito de falar e os demais têm a oportunidade de escutar. Qualquer objeto pode ser utilizado, e sugere-se que seja escolhido algum objeto representativo das vivências e interesses do grupo.
- **Ler as orientações de meditação guiada:** *"Sente-se confortavelmente. Se você se sentir bem em fechar os olhos, feche-os. Se você não quiser fechá-los, encontre um lugar a sua frente onde você possa fixar seu olhar de maneira gentil – talvez sobre a mesa, no chão ou na parede do lado oposto de onde você está sentado. Agora respire profundamente quatro vezes. Sinta seu peito levantando e baixando à medida que você toma o ar e depois o solta. Cada vez que você tomar ar, imagine que você está inspirando uma sensação de calma e tranquilidade. Quando você soltar o ar, deixe que todo o estresse saia de seu corpo. Solte os ombros e deixe-os relaxados. Deixe que os músculos dos olhos e da face relaxem e suavizem. Solte todo o estresse de seu corpo. Continue respirando e simplesmente preste atenção à sua respiração. Uma parte de seu corpo para se concentrar na respiração é o seu nariz. Observe como o ar entra pelas suas narinas. Talvez o ar seja mais frio quando você inspira e levemente mais aquecido quando você expira. Siga a respiração quando você estiver soltando o ar até o fim. Outra parte do*

● corpo para prestar atenção ao respirar é seu abdômen. Às vezes pode ajudar se você colocar suas
● mãos gentilmente sobre seu abdômen – como se você
● estivesse segurando uma bola de basquete. Repare
● como seu abdômen se expande quando você toma o ar
● e o ar enche seus pulmões. Quando você solta o ar,
● você vai sentir seu peito e seu abdômen afundando,
● como quando você esvazia uma bola de basquete. Deix
● e sua respiração ir e vir de forma natural. Você
● não precisa "tentar" respirar profundamente ou re
● gularmente. Simplesmente deixe que o ritmo natural
● de seu corpo aconteça. Não é para você mudar sua
● respiração; só preste atenção no que já está aconte
● cendo. Enquanto você está sentado, respirando em
● silêncio, sua mente naturalmente vai divagar. Cada
● vez que isso acontece, você só tem de se preocupar
● em trazer gentilmente sua atenção de volta para
● sua respiração. Se você ouvir um som que lhe dis
● trai, simplesmente diga para si mesmo "som"... e
● volte a prestar atenção à sua respiração. Repito,
● sua mente pode divagar muitas vezes enquanto você
● estiver praticando a respiração consciente. Não há
● problema nisso. Cada vez que você perceber que isso
● está acontecendo, traga gentilmente sua atenção de
● volta à respiração". Deixe que os participantes fi
● quem sentados respirando silenciosamente por mais
● alguns minutos e depois peça-lhes que contem em
● silêncio, de trás para frente, de 10 a 1, à medida

- *que trazem sua consciência de volta para o círculo.*
- *Finalizada a meditação, realizar outra rodada com o objeto da palavra, questionando como cada um dos presentes estava se sentindo. Em seguida, distribuir folhas recortadas em formato de mão e propor a escrita de uma qualidade pessoal em cada um dos dedos. Propor que cada um expresse como gostaria de ser tratado naquele espaço e, para finalizar, pedir que cada um indique o que achou ou o que mais gostou daquela prática.*

Na primeira oficina do segundo semestre de 2022, propomos a um grupo de adolescentes participantes da oficina de sexta-feira à tarde a realização de um Círculo para Estabelecer as Diretrizes (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p.58-60), com algumas adaptações. Optamos por essa atividade considerando dificuldades que se fizeram presentes no ano anterior, como a de realizarmos mais trocas com os adolescentes, pois estes optavam por utilizar o espaço da oficina para poderem conversar entre si, e a emergência de situações que testavam

as regras que poderiam estar mais ou menos claras para os participantes das oficinas.

Depois da chegada dos adolescentes, já sentados em círculo, nos apresentamos e explicamos um pouco sobre o REDIJUV, projeto que fazemos parte, e apresentamos o objeto da palavra, o ônibus em miniatura. Optamos por esse objeto porque ele pode representar a liberdade de "dirigirmos" nossas próprias vidas, além da liberdade de ir e vir, tão cara aos adolescentes no período de internação. Propomos que cada um se apresentasse utilizando este objeto e entregasse o mesmo ao adolescente ao lado.

Em seguida, perguntamos aos guris se gostavam de incenso e se podíamos acendê-lo, assim como justificamos que havíamos trazido uma música relaxante para ouvirmos naquela tarde. Depois disso, uma de nós leu as orientações de respiração consciente, tipo de meditação guiada que objetiva proporcionar uma conexão com os

processos do próprio corpo, como a respiração, e o momento presente.

A técnica em si é capaz de gerar uma série de respostas físicas e psicológicas que podem auxiliar na prevenção de inúmeras condições, especialmente aquelas resultantes dos efeitos deletérios do estresse, no manejo de problemas de saúde já estabelecidos, assim como na promoção de saúde mental (MENEZES & DELL' AGLIO, 2009, p. 285).

A proposta foi de que mantivéssemos os olhos fechados durante a prática, mas observamos que alguns adolescentes espiavam o que acontecia ao seu redor, como uma espécie de checagem para saber se podiam confiar o ato de estar de olhos fechados a pessoas diferentes, ou talvez pelo estranhamento por ser uma atividade nunca antes proposta naquele espaço.

Finalizada a meditação, fizemos outra rodada com o objeto da palavra questionando como cada um dos presentes estava se sentindo. Quando o objeto da palavra circulava, nós também respondía-

mos às perguntas propostas, geralmente antes dos adolescentes. Essa nossa participação objetivava aumentar a conexão e troca entre os extensionistas e os adolescentes e mitigar um dos "problemas" que identificamos no semestre anterior.

Em seguida, distribuimos as folhas recortadas em formato de mão e propomos que escrevêssemos em cada um dos dedos uma qualidade pessoal. Alguns adolescentes demonstraram mais introspecção em busca das qualidades a registrar, enquanto outros buscavam externamente essas qualidades, perguntando quais os colegas escreveram. Depois que todos terminaram, o objeto da palavra circulou para que falássemos nossas qualidades.

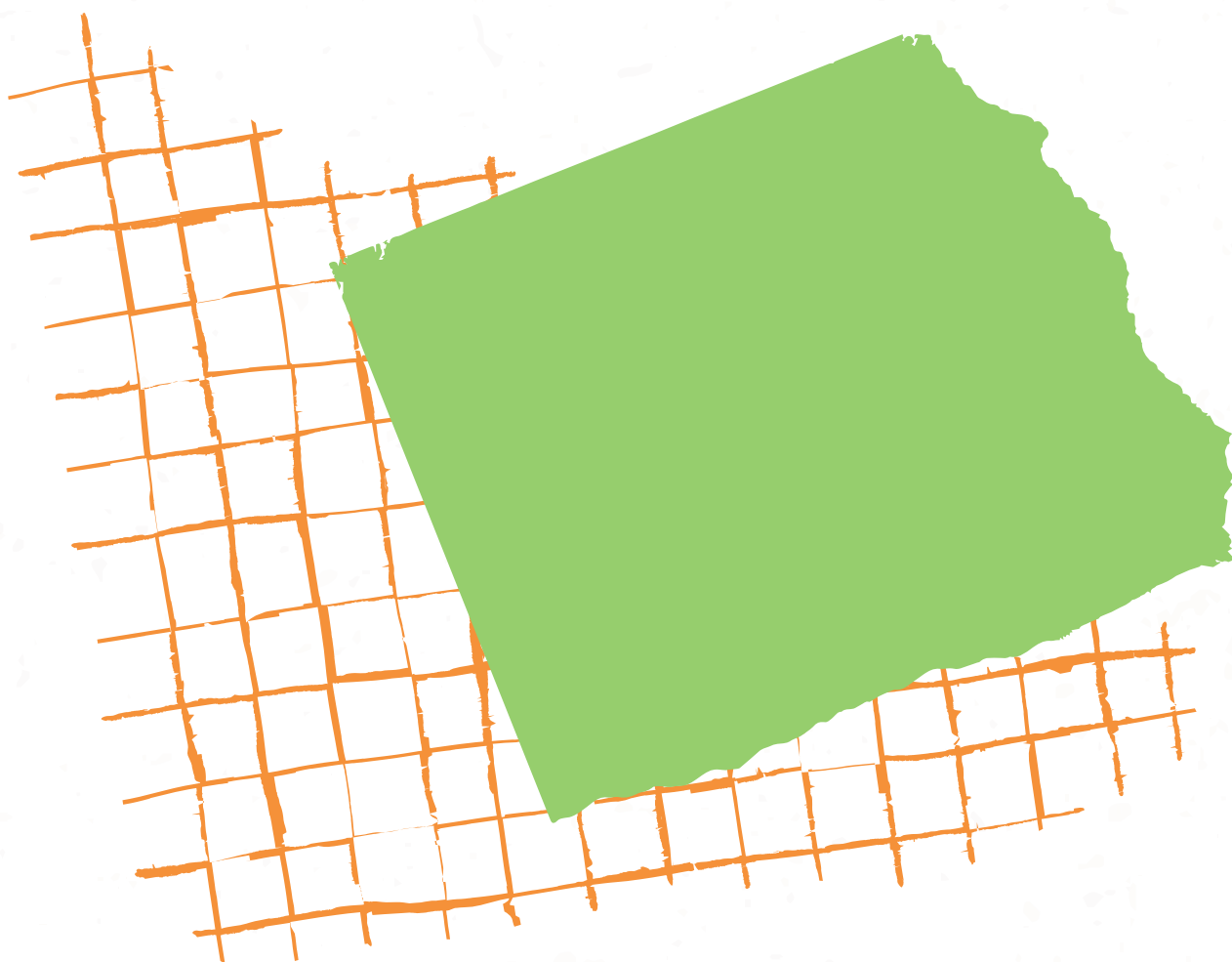
Então, propomos que cada um expressasse como gostaria de ser tratado naquele espaço. Notamos que muitos guris repetiam o que o colega anterior havia dito, vários trazendo como diretriz a palavra "respeito". Questionamos se os adolescentes concordavam com as palavras trazidas,

passando o objeto da palavra, e estes não fizeram nenhuma objeção. Pensamos que, ao repetir este Círculo, seria interessante estimular os guris a falarem mais sobre suas escolhas de palavras, por exemplo, a relatarem situações em que se sentiram respeitados ou desrespeitados.

Para finalizar o Círculo, pedimos que cada um falasse o que achou ou o que mais gostou daquela prática. Muitos falaram que gostaram da música, do incenso, que eram novidades naquele espaço. Nós falamos por último e agradecemos pelo aceite dos adolescentes em participarem do Círculo.

Finalizado o Círculo, os guris demonstraram interesse pelos objetos colocados no centro, perguntando, por exemplo, o que significava "love yourself", escrito no quadro. Refletindo sobre os efeitos do Círculo, pensamos que a conexão que buscamos iniciar ali para que se perpetuasse nos próximos encontros foi dificultada por algumas características ou práticas da instituição. Foi comum

adolescentes ingressarem nas oficinas subsequentes, geralmente um por vez. Isso exigia mais de nós no sentido de reforçar as diretrizes, as quais esses adolescentes infelizmente não estavam junto para construir. Também era comum que os adolescentes precisassem sair durante as oficinas, perdendo a continuidade do que estava sendo desenvolvido naquele espaço.



RAÍZES, TRONCO E GALHOS

6

Maria Júlia Corrêa Pereira e Rita de Cássia Batista Cerqueira

- **Materiais:** Cartolina, folha de papel, canetas coloridas e lápis de cor.
- **Tempo de duração:** 2 horas, em média
- **Número de participantes:** 3 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Tema:** História de vida, Identidade, Projeto de vida
- **Instruções:**
 - **1. Introduzir a proposta aos adolescentes:** “nessa atividade convidamos vocês a se aventurar com desenhos e escritas para construir as diferentes partes de uma árvore, começando pelas raízes, passando pelo tronco e chegando aos galhos. A ideia é pensar e refletir sobre os caminhos que tomamos na nossa vida: de onde partimos (raízes), onde estamos (tronco) e para onde queremos ir (galhos)”.
 - **2. Distribuir os materiais;**
 - **3. Construir coletivamente em uma cartolina ou individualmente em folhas de papel uma árvore;**

- **4. Iniciando pelas raízes, perguntar:** o que é uma raiz? Qual a função dela? A proposta é que falem/desenhem/escrevam acerca da sua história, de onde vieram, o que fez com que sejam quem são;
- **5. Tronco:** o que é o tronco? para que serve? a ideia é auxiliá-los a pensar sobre o momento presente, simbolizar o que estão vivendo;
- **6. Galhos:** o que são os galhos para a árvore? onde/como você pensa sobre o futuro? promover um espaço para que formulem perspectivas de vida para além do momento de privação de liberdade e do envolvimento com atos infracionais;
- **7. Convite à reflexão sobre os significados do que foi escrito em cada parte.**

A atividade proposta aos adolescentes foi adaptada do capítulo "Círculos de Raízes e Galhos" (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p.70-72) com o objetivo de estabelecer reflexões sobre vivências do passado, presente e futuro através da elaboração de respostas que os levassem a se situar no tempo e espaço, além de criar um ambiente acolhedor, que permita que se conheçam melhor, compartilhem e simbolizem suas histórias.

De início, oferecemos folhas em branco e canetas coloridas para todos que desejassem participar e em seguida pedimos que desenhassem as partes de uma árvore. Começamos pelas raízes, questionando "quais são as suas raízes?", "de onde você é?". Os instruímos a desenhar ou escrever coisas que fazem lembrar de sua origem, no sentido de pertencimento. As palavras mais citadas foram: Família, mãe e liberdade. Imediatamente à pergunta, muitos responderam "da barriga da minha mãe" em tom de brincadeira, mas nós, extensionistas, levamos a sério e reforçamos que esta resposta também era válida, afinal, remete ao lugar onde todos nós estivemos. Vale ressaltar a importância de valorizar o silêncio e também as respostas que às vezes o adolescente diz "só por dizer" para logo em seguida mudar/apagar o que foi escrito. Isso ocorreu diversas vezes durante essa oficina, momentos em que pudemos questionar os adolescentes na tentativa de auxiliá-los a refletir e elaborar

seus pensamentos e sentimentos a respeito de suas histórias, sua vida no presente e suas perspectivas de futuro.

Em seguida, construímos o tronco da árvore: "Onde você está agora?". Em um primeiro momento, apareceu quase que exclusivamente questões vinculadas à privação de liberdade, nomeada por eles por meio das palavras "CASE/FASE". No entanto, quando foram escrever, a palavra que apareceu foi "liberdade", um contraste evidente que se fez presente ao longo da atividade: entre o dito e o escrito, entre o que se ousa falar e aquilo que acredita que se possa registrar. Assim, a partir de atividades como essa, também é possível promover um espaço em que se possa simbolizar as ambivalências e dicotomias que se apresentam na vida dos sujeitos. Mas, para além disso, também propusemos que pensassem no tronco/no presente para além da privação espacial, o que suscitou que falassem acerca de como estão, que é muito vinculado à

realidade concreta do espaço físico limitado, mas que a extravasa. Um adolescente trouxe, então, a palavra "Abaladão", que é um termo usado por eles para dizer que estão tristes com alguma situação geralmente relacionada com a institucionalização e que iniciou um diálogo a esse respeito.

Finalizando a árvore, pedimos que desenhassem os galhos respondendo à pergunta "Onde você quer estar futuramente?". Inicialmente, disseram que não sabiam, ou que não conseguiam pensar em nada, o que demonstra a dificuldade real e simbólica que sujeitos em contextos de vulnerabilidade social podem ter ao fazer planos, 'sonhar' e planejar o futuro. Justamente tentando fomentar o rompimento dessa barreira entre esses adolescentes e um futuro desvinculado dos atos infracionais, ao menos no campo do simbólico, é que essas oficinas podem atuar. Utilizando de outras perguntas disparadoras ancoradas na vinculação que tinha sido construída com a turma, os ado-

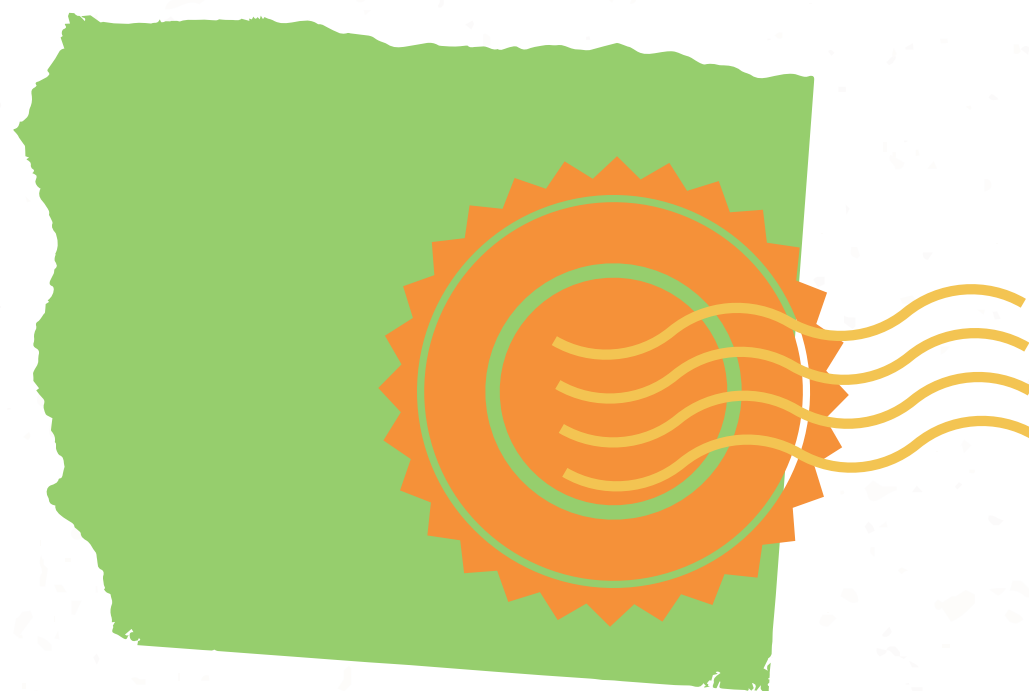
lescentes foram pensando e compartilhando um pouco mais o que pensavam sobre o futuro para além das incertezas e descrenças em si: "Estar com minha família", "Focar no progresso, liberdade", "Estar bem".

Figura 9 – Montagem a partir das falas dos adolescentes



Fonte: @fitrinurani
(disponível em: www.canva.com) (2023).

Ao final, reunimos as respostas em um cartaz grande onde foi desenhada uma árvore com a colaboração de todos. As folhas de papel utilizadas inicialmente podem ficar com os adolescentes, caso desejem, enquanto o cartaz pode ser reutilizado em outras atividades do grupo como forma de revisitação à experiência



7

CAMPO MINADO

Isabelle Vargas Martins e Matheus Henrique Velho Trindade

- **Materiais necessários:** Cartolinas pretas recortadas em pequenas tiras e coladas para formar um X (a quantidade depende do tamanho do espaço disponível para realizar o jogo) e uma venda.
- **Tempo de duração:** 2 horas, em média
- **Número de participantes:** 3 a 8
- **Extensionistas:** 2
- **Instruções:**
 - 1. Espalhar pelo chão os Xs de forma que seja possível atravessar o espaço de uma extremidade à outra, mas com certo desafio, sem pisar nas cartolinas.
 - 2. Dividir o grupo em duplas.
 - 3. Um participante da dupla é vendado e gira algumas vezes para bagunçar o senso de localização no espaço. O outro da dupla deverá guiá-lo pela sala com a voz, a partir de instruções como: "vire a direita", "caminhe três passos para frente" etc, de forma que a dupla não pise nos X do chão.

- 4. Se pisar no X a dupla perde a vez e vai a próxima, até que uma dupla consiga atravessar todo o percurso. Os participantes podem revezar quem atravessa e inventar as próprias instruções para atravessar a sala.

Campo Minado é um jogo no computador no qual é preciso atravessar de um ponto para outro sem acionar os explosivos que estão escondidos. A partir da estratégia de jogo vai se revelando quantas minas estão próximas do ponto que foi escolhido, permitindo então a passagem segura, misturada com um pouco de sorte e confiança. Contudo, no contexto das oficinas com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, campo minado tem outro significado; não é um jogo pelo computador, mas um que se joga com o corpo, também a partir da confiança, um pouco de sorte e estratégia.

Além de Campo Minado, já foi chamado de Explosão, Jogo das Bombas, Confia ou Explode, sendo nomeado pelos próprios adolescentes que

participaram. A partir da montagem do setting, espalhando os Xs – as bombas, minas, ou explosivos – pelo chão se cria infinitas possibilidades de percursos para atravessar, que cada dupla poderá escolher de acordo com a estratégia adotada. Alguns adolescentes fazem sempre o mesmo caminho, talvez para acostumar o corpo e conseguir atravessar sem dificuldades, outros ao perceberem um caminho que julgam mais fácil, logo trocam e reinventam a cada rodada.

Nessa oficina a ideia é trabalhar a confiança e as interações em grupo, uma vez que é preciso confiar na voz e nas instruções do outro para guiar o caminho seguro, geralmente acompanhada de risadas e certa competitividade entre as equipes. Nesse sentido, é possível pensar que a confiança e a relação com os outros é essencial não apenas para o andamento do jogo, mas também para o desenvolvimento psicossocial; é em um ambiente de confiabilidade e previsibilidade, chamado de

espaço potencial por Winnicott (LESCOVAR, 2004), em que o sujeito é capaz de desenvolver e apostar nas suas potencialidades.

Na falta de algum objeto que possa desempenhar a função de venda, o jogo pode ser praticado da mesma maneira. Porém as interações entre os participantes irão mudar, a honestidade pode ser desempenhada no jogador que fará o caminho de olhos fechados. Enquanto outros integrantes farão uma maior vigia para que ele não trapaceie. Com o decorrer do jogo, a vigia se manterá alta, mas se com o passar das rodadas todos forem honestos, tende-se a diminuir a chance de algum participante tentar enxergar. Dessa maneira, os participantes vão também se auto regulando e abrindo espaço para novas combinações, como girar antes de começar o percurso, ficar com a cabeça para cima para evitar de olhar para o chão, etc.

Nesse sentido, percebemos que os adolescentes também se divertem para criar um ambiente

que seja justo, combinando com os pares as regras que desejam aplicar. Percebemos isso como o protagonismo de poder se colocar e se implicar no jogo, essencial para construirmos um ambiente compartilhado e de cooperação.

Figura 10 - Montagem do jogo Campo Minado.



Fonte: Autores (2023).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Isadora Schmitt Colomé, Sara Peres Dornelles Almeida
e Isabelle Vargas Martins**

Segundo Winnicott, quando o ambiente é suficientemente bom, ele não determina o indivíduo, mas sim, fornece as condições que facilitam o amadurecimento (REIS, 2011). Nesse sentido, é preciso ter e ou desenvolver a capacidade de adaptar-se às necessidades do indivíduo; ou seja, satisfazer suas necessidades estando disponível e presente, possibilitando um contexto de segurança e confiabilidade. Mesmo que aconteçam frustrações, ainda assim, isso será parte de uma experiência humana. Para tanto, o ambiente receptivo e atencioso a essas necessidades, também precisará produzir molduras, contornos aos limites para o que se apresenta como frágil ou imaturo, circunstâncias importantes

à relação inicial de dependência, possa ser sustentado, possibilitando condições que favoreçam a integração e a impressão das potencialidades para o ser (DIAS, 2017).

Nesse sentido, o espaço das oficinas propõe um lugar – que inicialmente se apresenta como concreto, para que depois possa ultrapassar os muros, em formato de sonhos, e ou projetos para o futuro – para escuta atenta, tanto das palavras quanto dos gestos, dos passos e caminhos difíceis na construção de uma identidade. Um lugar, que, tentando ligar-se a um sentido de pertencimento, é possível dizer o que é quase impossível sentir sozinho. As propostas das oficinas que sempre são permeadas por intenções entendidas como suficientes ao trabalho com adolescentes, também precisa ser recheado de apostas; contudo, se for preciso, é importante mudar o rumo, trocar o plano inicial, escutar novamente, pois, o trabalho interventivo é em conjunto e não impositivo. Dessa

forma, é mais fácil não cair na cilada dos estereótipos sociais quando se escuta sobre adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa.

O primeiro desejo precisa estar sendo gestado com aqueles e aquelas que pretendem se dedicar a esse contexto para que o encontro seja possível. É preciso interessar-se pelo outro, dividir o tempo, emprestar palavras, estar disponível e também vulnerável para encarar de frente o mal-estar, a angústia, pois, as instituições, muitas vezes trabalham ao avesso do que nos propomos, e ao invés de apostar no indivíduo e em seu futuro, tencionam o apagamento e as desesperanças.

Nesse contexto, a partir da construção dessa cartilha, foi possível apresentar as sete atividades mais significativas realizadas ao longo do desenvolvimento do projeto de extensão “Oficinas de intervenção psicossocial com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa” durante os anos de 2018 a 2022. A partir disso, ficou evi-

dente a relevância de alguns aspectos necessários para uma intervenção com adolescentes, que serão elencados em tópicos a seguir.

1. Estar disponível para escutar as demandas dos adolescentes sem julgamento moral;
2. Criar um ambiente seguro e confiável;
3. Valorizar os saberes e desejos dos adolescentes;
4. Demonstrar abertura para o diálogo, mas sabendo respeitar quando o adolescente, naquele momento, não está se sentindo à vontade para expressar algo que o está incomodando;
5. Manter a prevalência da flexibilidade na realização das atividades disparadoras planejadas previamente, de modo a estar disposto a modificar algo, levando em consideração o desejo dos adolescentes;
6. Garantir o sigilo das informações trocadas entre adolescentes e extensionistas;
7. Suportar as frustrações do trabalho, entendendo que a angústia e o mal estar fazem parte do processo de apostar na experiência humana.

Com essas práticas, espera-se que os adolescentes, colocados como protagonistas no desenvolvimento das atividades, se sintam acolhidos para se expressarem de acordo com as suas subjetividades, a fim de que desenvolvam um vínculo de confiança e um sentimento de pertencimento com o espaço da oficina. Tais sentimentos de confiança e pertencimento contrapõem as relações pautadas no medo e no desamparo, pertencentes ao contexto de vulnerabilidade social em que esses sujeitos geralmente estão inseridos. Assim, promover a escuta e um espaço em que esses vínculos possam ser construídos de maneira significativa para o desenvolvimento psicossocial se mostra muito potente para o processo socioeducativo pautado na proteção integral.

REFERÊNCIAS

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção de paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis.** Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de artes gráficas, 2011.

BRASIL. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.** Lei nº 12594, de 18 de janeiro de 2012. Brasília, 2012.

BROIDE, Emília Estivalet; BROIDE, Jorge. (2019). A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 53(3), 201-215. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000300013&lng=pt&tlng=pt.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott.** 4. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2017.

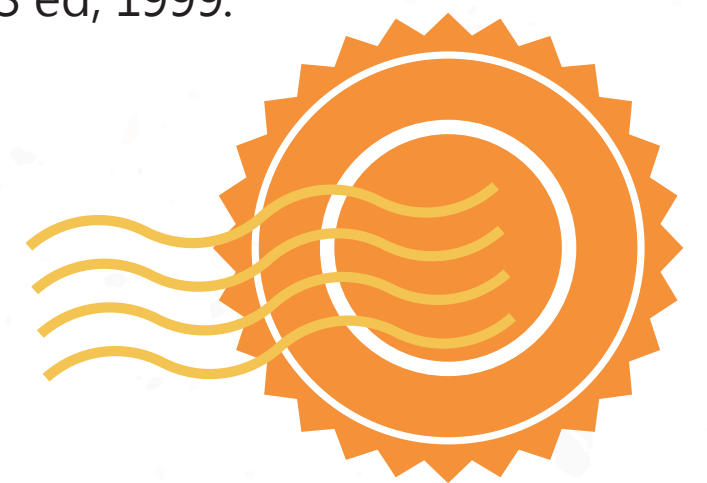
LESCOVAR, Gabriel Zaia. As consultas terapêuticas e a psicanálise de D. W. Winnicott. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 21, n. 2, p. 43–61, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/tkjt4Vb7GvzWcNLRthFW4Zb/?lang=pt>>.

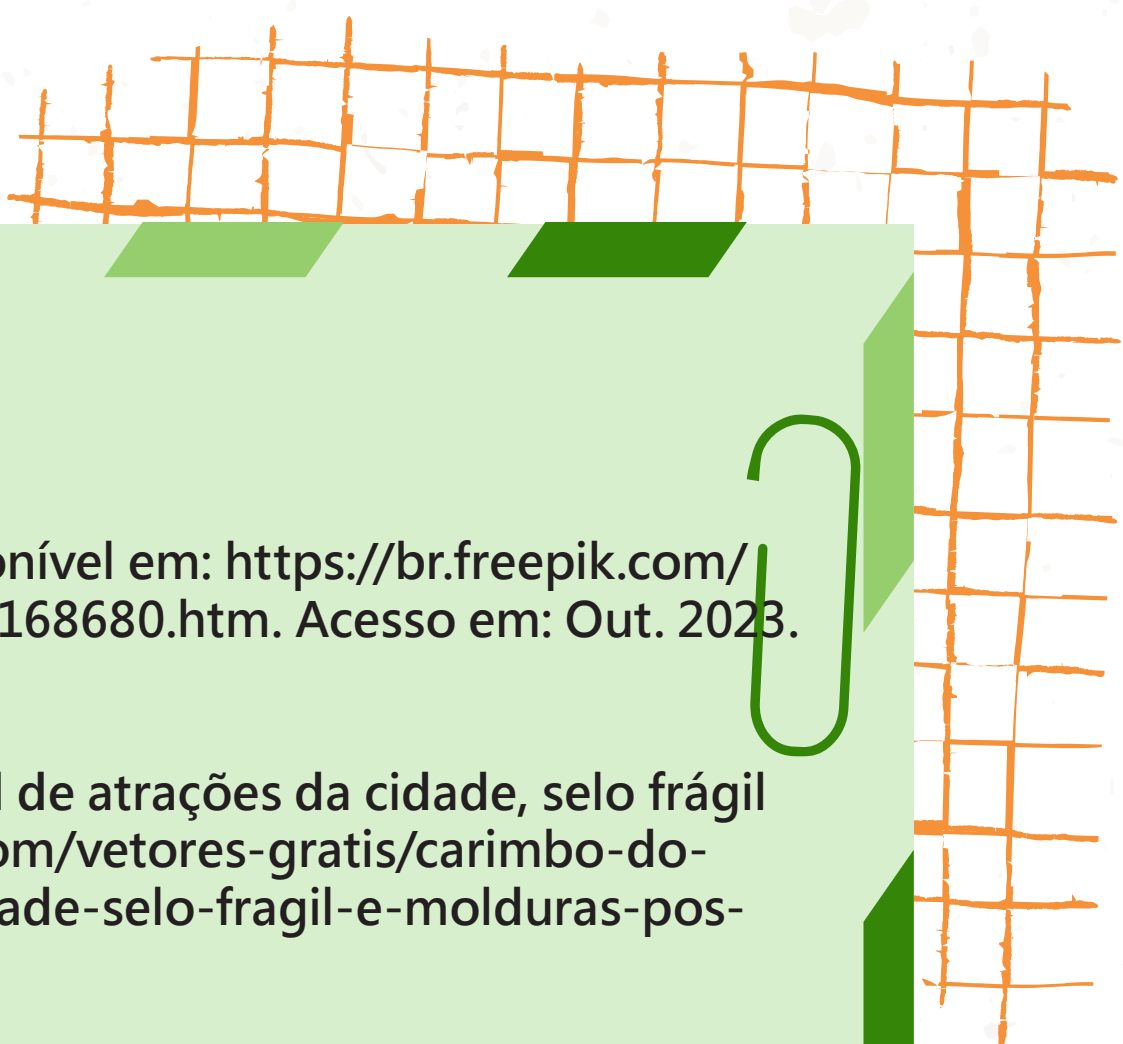
LIMA, Anniara; COSTA, Renata; MARINHO, Juliana; WEBER, Andre; ALMEIDA, Sara; ZAPPE, Jana. Medidas socioeducativas: diretrizes, características dos adolescentes e práticas positivas. In: Cristiana Rezende Gonçalves Caneda e Jana Gonçalves Zappe (Org.). **Psicologia e Direito no enfrentamento de problemáticas contemporâneas.** Editora UFSM, 2022. 2010p.

MENEZES, Carolina Baptista; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em Psicologia: revisão de literatura. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 276-289, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200006&lng=pt&nrm=iso>.

REIS, Rosa. **O pensamento de Winnicott: a clínica e a técnica.** 1. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes. 3 ed, 1999.





Atribuição de crédito a www.freepik.com:

Textura de papel:

TIMDESIGN. Coleção de fundo de textura grunge Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/colecao-de-fundo-de-textura-grunge_1168680.htm. Acesso em: Out. 2023.

Selos, capa e folha de rosto:

TARTILA. Carimbo do correio do viajante. cartão postal de atrações da cidade, selo frágil e molduras postais. Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/carimbo-do-correio-do-viajante-cartao-postal-de-atracoes-da-cidade-selo-fragil-e-molduras-postais_10722587.htm. Acesso em: Out. 2023.

Ilustração Estudantes, capa e folha de rosto:

VECTORJUICE. People studying remotely, e learning. Home education, distance learning, online college. Disponível em: https://www.freepik.com/free-vector/people-studying-remotely-e-learning-home-education-distance-learning-online-college_12085890.htm#query=universidade&position=24&from_view=search&track=sph&uuid=0ddc17a-a-6c79-48d1-bed7-08bb9b888241. Acesso em: Jul. 2024.

Elemento gráfico abstrato e vetor de fita adesiva:

RAWPIXEL.COM. Papel timbrado em fundo pastel. Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/papel-timbrado-em-fundo-pastel_13312804.htm. Acesso em: Mar. 2024.

Ilustração de selos e bordas de papel carta:

FREEPIK. https://br.freepik.com/vetores-gratis/colecao-de-design-de-selos_1276725.htm. Acesso em: Mar. 2024.

Rabiscos de fundo:

RAWPIXEL.COM. https://br.freepik.com/vetores-gratis/elemento-vetorial-de-fita-washi-digital-com-desenho-de-memphis_17222090.htm. Acesso em: Mar. 2024.

Ilustração de papel rasgado e clip:

FREEPIK. https://br.freepik.com/vetores-gratis/colecao-de-colagem-vintage-de-design-plano_28505517.htm. Acesso em: Mar. 2024.

Selo e ondas:

FREEPIK. https://br.freepik.com/vetores-gratis/conjunto-de-selos-de-correio-de-design-plano_45183420.htm. Acesso em: Mar. 2024.



UFSM
PRE

